

As mais pobres das Suzanas . . .

NOVELA de AFONSO RIBEIRO

—Deixe-me! Agora deixe-me!

Súplica, gémido, grito de angústia, as palavras ficaram a vibrar no quarto. Encheram o quarto. Depois, um silêncio pesado e longo. Uma como que paralisa da Vida. Algo de obscuro, doloroso e terrível—a sensação do Nada medida através de alguns minutos de existir. Uma voz, por fim, rasgou aquela mudez. Voz de pedinte. Das que, rastejando a pedir, parecem implorar perdão por não poderem oferecer.

—Filha! Minha filha!

Estavam ali, sentadas na beira da cama, havia muito. Desde que a noite começara a cair. Mas, porque nenhuma dera volta ao computador, afundavam-se num negrume espesso que as aliviava e oprimia a um tempo. Olharem-se, uma a seguir no rosto da outra o fluir e refluir dos sentimentos mais confusos e contraditórios—dor, espanto, piedade, vergonha...—era, elas o adivinhavam, acrescer de agonias novas a agonia daquela hora. Teriam, de resto, a coragem de enfrentar a luz? De se enfrentarem à luz, em tal instante, quando punham a descoberto o que se escondia em si próprias? As confidências requerem escuridão. Do mesmo modo que o amor. E quem já, em pleno dia, amou integralmente? A luz retrai. E' chumbo a pesar nas almas que ansiavam pôr-se a nu. Pudor que retém o segredo mais banal. Por isso os confessorários estão na penumbra. E o amor procura a noite. Sem velas ou electricidade. A noite-escuridão.

Por instinto, mais que por raciocínio, ficaram, pois, nas trevas. Mas sentiam as respirações. Talvez o pulsar das artérias. Às vezes tateavam-se. Então, nervos tensos, espremiavam as mãos até a dor lhes arrancar gemidos. E era precisamente nesses segundos de sofrimento comum, embora provocado, que uma força estranha as impelia a mostrar o que lá dentro traziam bem oculto.

Compreendendo isso, ambas, sem uma palavra de inteligência, foram acentuando a pressão dos dedos. Espremendo mais. Sempre mais. Até cada uma perceber, por sua banda, que as unhas da outra se cravavam na sua carne. E sem distinguirem bem se essas unhas eram as suas ou as dela. Sem desejarem distinguir. Apenas sentidas para a dor física que as unia. Que as havia de amassar numa só apagando em suas consciências o que nelas teimava a separá-las. A separar as suas revelações, as dúvidas e os pensamentos que as trabalhavam—todo o desordenado mundo interior em efervescência.

O momento tão ansioso quanto temido, chegara enfim, destruindo todos os prejuízos da consanguinidade. Esses pequeninos nadas, que são montanhas, erguidos por uma educação artificial, rígida e cruel, entre homem e mulher, pai e filho, irmão e irmã.

Desta sorte niveladas pela dor, uma simpatia profunda foi, lentamente, na peça fechada e escura, unindo as duas mulheres. Não eram mais mãe e filha dizendo-se coisas íntimas e penosas. Analisando-se. Dois seres, somente, projectados para além da família. Compreendendo-se acima das opiniões formadas. Amando-se sem constrangimentos. Humanamente.

//

Tempos atrás—floria a macieira no quintal—começara a mãe a notar em Máxima singulares perturbações. Foi, primeiro, uma inquietação vaga. Tics nervosos no rosto e lábios. Cóleras súbitas e infundadas. Ausência de apetite—e uma necessidade constante de movimento. Sempre a sentar-se e a levantar-se, a fugir de um lugar e a voltar a ele, a estender-se, vestida, no leito, e a pôr-se a pé. Sempre insatisfeita. Sempre desigual como o fogo e o mar. Ora incompreensivelmente carinhosa, ora exigente e dura.

Em casa, no entanto, não estranharam. Desde os seus quinze anos, pela primavera, que aqueles sintomas dum mal indefinido com regularidade se lhe manifestavam. Depois, na quadra dos grandes calores, afundava-se, ia-se afundando num langor sem intermitências. Deprimida, ísm, mas serena. Dormia melhor. As contrações musculares desapareciam. E seus actos de ternura, sobretudo, perdiam a vivacidade febril, e não sabiam que de instintivo, sensorial e medonho. No despertar do outono, por vezes, as agitações voltavam. Mas mais benignas. E logo recaía em calma, como se saísse de uma dessas enfermidades que não inspiram cuidados.

Absorvido com a sua sífilis, o pai, um homem baixinho, de orelhas a despegarem-se do crânio, face chupada e olhar incerto, não atentava naquilo. E se, cheia de medo, a esposa lhe dava conta de suas observações, dizia invariavelmente o mesmo. Nervos. Eram nervos. Pois que havia de ser?

—E mudanças de temperatura. Compreendes?

Embora tais falas lhe não dissessem nada ou, embora dissessem, as não entendesse bem, a segurança com que eram proferidas consolavam-na. E, assim, rolaram anos. Cinco, seis, oito anos.

Quando, porém, Máxima entrava nos vinte, as crises principiaram, ainda que de modo lento, a prolongar-se, surgindo, para mais, em qualquer época. Contudo, tanto nas suas particularidades, como ainda na forma de se revelarem, tais alterações em nada diferiam das anteriores. Daí, por já habituados, ninguém, em casa, agora a mãe, reparar muito nelas.

Desta vez, entretanto, a enfermidade tomara aspectos novos. Os mesmos caprichos, iras, infantilidades durante semanas. Mas, depois, quando todos esperavam a lassidão habitual, uma quasi absoluta indiferença por pessoas e coisas, viram-na, pelas salas, mais triste e silenciosa que uma sombra, a desfazer-se em prantos. Interrogavam-na. Ela não respondia. A mãe amargurava-se. Uma voz íntima boquejava-lhe coisas fustestas. Teve medo. Um medo medular, corrosivo, repleto de interrogações. Chorava muito. Em presença da filha, não obstante, dominava-se. Em certas ocasiões, porém, não se podia conter. E as lágrimas cobriam-lhe as faces. Mas Máxima não dava conta.

Um dia, um médico, após auscultá-la com demora e interesse, afirmou-lhe que ela não tinha nada. Que não compreendia o que pudesse ter. De repente, ao saber-lhe a idade, teve uma exclamação:

—Ah! julguei que fôsse mais nova...—e olhou-a, compungido.

Máxima, realmente, com os seus vinte e três anos feitos, infundia piedade. Pequena, uma corcova imensa nas costas, esdrúfula sob o queixo... Peito raso. Grande, aos altos e baixos, cala-lhe o nariz sobre a boca. Dir-se-ia que um deus inclemente o forjara. Se divertira a forjá-la. Para cúmulo, a cabeça, descomunal para o resto do corpo, balouçava-lhe na extremidade de um pescoço fino e longo, como um fósforo.

Na rua, ao passar, sempre havia quem, atarefado ou não, quedasse para seguir aquela aparição de Quasimodo com saias. Os garotos riam-lhe na cara. Ela fazia que não via. Mas seu rosto pálido, da palidez dos mortos, afogava-se; e os olhos enchiam-se-lhe de lágrimas.

Perante o pasmo do homem de ciência, a mãe não soube que pensar. Era certeza sua que ele não dissera tudo que sabia. Que escondia alguma coisa. Alguma coisa de horrível, por certo. Talvez uma tuberculose óssea ou um princípio de loucura. Como adivinhar, porém? Se Máxima, ao menos, fôsse mais comunicativa... E o médico julgara-a mais nova! Que queria dizer com aquilo? Se pudesse saber... Porque ele escondia uma ideia. Uma ideia! Qual? Forçava o cérebro. Tódia ela a transbordar daquela interrogação. Havia instantes em que chegava a persuadir-se que ia atingir a verdade—uma verdade longínqua e pavorosa que a deixaria sem pinga de sangue. E, ao convencer-se de que essa verdade continuava inacessível ao seu entendimento, uma sensação de alívio a tomava. Então a necessidade que em dados momentos todo o ser conhece de subornar-se a si próprio, de se iludir, vinha, sorradeira e brandiciosa, aninhar-se em seu seio. Afinal, talvez exagerasse. Talvez a doença se resumisse a uma grande fraqueza. E a nervos, como assegurava o marido. Um mês no campo e estaria curada. Os bons ares, os passeios pelas matas, as águas puras e alimentação sã, sem molhos e pimentas, operariam o milagre.

Máxima, porém, fôra intransigente. Não, não e não! O campo metia-lhe horror. De resto passava perfeitamente. As suas lágrimas, as suas insónias, todos os achaques que tanto os mortificavam? Ora! ninharias. Pois que imaginavam? Ela sentia-se forte. Andava forte. Que ia, nesse caso, fazer à aldeia? Ver árvores, montanhas, homens lavrando a terra, vacas, um regato... E isso tudo que lhe poderia interessar? Não. Não iria. Fôsem todos. Mas deixassem-na.

A mãe fluidia-se mais. Uma resistência assim não demonstrava à saciedade a sem razão de seus receios? Não, se Máxima tivesse, de facto, uma moléstia a miná-la, o próprio instinto de conservação a levaria a aceitar, como supremo favor, a proposta de uma temporada em clima mais favorável à cura. Discorrendo desta sorte, sentia desejos de cantar. Entretanto, dias ídos, quando não horas ou apenas segundos, a dúvida voltava a morar em si. A desnor-teá-la. Como um vento muito forte que agarra de uma fôlha e a leva por aí fora, sem destino.

E, crendo para em seguida descrever, arquitectando em seu espirito convicções que o seu mesmo pensamento se encarre-

garia de derrubar, que, tinha a certeza, havia de derrubar, sentia-se infinitamente desgraçada. A-pesar-de já mais ter conhecido o que era ventura. O que era um riso espontâneo. Nunca amara. Seu casamento fôra um negócio vulgar que a família impusera e ela aceitou com a indiferença com que aceitaria um bilhete de lotaria que de antemão sabe estar branco. O primo Lauro com o seu corpo de bebé corroído de sífilis, o seu egoísmo entranhado, já nesse período mostrava o que seria sempre: um maniaco que a doença fechava em si. Um molusco metido na sua concha. Ela compreendia isso muito bem. Oh!, muito bem. Não obstante aceitara aquele homem para seu companheiro sem um protesto. Sem uma lágrima. No fundo com um cêbo de reconhecimento, até. A vida, junto dos seus, não a tentava. O pai nascera um desequilibrado. Sempre metido com mulheres. Sempre atrás de saias. E alcoólico. A mãe, velha antes do tempo, ciumenta, feroz com os seus ciúmes, chorando em altos gritos pela casa, batendo nos filhos e nas criadas. E, depois, as cenas que ambos armavam, horas mortas, quando ele chegava das suas aventuras. De pôr a pé a vizinhança inteira. No teatro, na rua, apontavam-na. «E' a filha dos Abreus. A outra largou com um actor. Dos rapazes, um está preso por desfalque. Uma miséria.» Contudo nunca, como agora, seu coração vivera tão repleto de amargura. Nunca andara tão triste. A sua menina mirrava-se. Morria aos poucos. E ela não lhe valia. Não lhe podia valer. Por que a castigava Deus, assim? Porque aquilo era um castigo de Deus. Mas por quê, se nunca, nunca que se lembrasse, fizera mal a alguém? Ou estaria, à maneira dos filhos de Adão, a pagar os erros dos progenitores, para os quais não contribua, nem muito nem pouco?

Dobrada sobre si, a frase do doutor era interrogação a erguer-se constantemente em seu espírito. «Ah! julguei que fôsse mais nova...» Mais nova! Que dependência podia existir entre a idade de sua filha e os seus sofrimentos? Entre as suas lágrimas e os seus anos? Pensa, pensa, gastava os dias. De noite acordava a perguntar-se que relação seria essa tão furtiva, que, por mais que fizesse, não conseguia penetrar. E, no entanto, punha o pescoço sob um cutelo, o médico não soltara aquelas palavras por acaso. Um pensamento qualquer lhas ditara. E Máxima sabia qual. Disso não tinha dúvidas. Ao afirmar que seus choros eram sem motivo, mentira. Mentira a sua mãe uma das raras pessoas que a amavam. Talvez a única que a amava. Virgem, por quê esse procedimento para com ela? Acaso lho merecia? A sua menina com um segredo! A ocultar-lhe um segredo! E o médico descobrira-o... Mas, realmente, existiria?

Pingo de azeite a alastrar num pano, a ideia foi-a invadindo. Lentamente. Medrosamente. Por fim, ocupou-a tódia. Não, não duvidava mais. Ali havia um mistério. Ali, no ar que ela respirava. Sob o seu olhar. E, contudo, não o atingia. Escapava aos seus raciocínios. Ao seu coração de mãe.

Foi por essa altura, ao almoço, um dia, que ela reparou na agitação inquieta de Máxima sempre que Artur, no intervalo de um prato para outro prato, suavemente acariciava os dedos da esposa. E, aquilo, foi um facto de luz a iluminar as trevas em que se debatia. Uma revelação instantânea. Como não atingira há mais tempo uma verdade tão palpável? Oh!, a cegueira das mães que por terem amamentado os filhos os julgavam sempre como quando os traziam ao colo e que já mais, já mais se habituavam a vê-los homens só pelo facto de os haverem conhecido de palmo. Não obstante ela envelhecia. Vira-se envelhecer de ano para ano. Quasi de hora para hora. Por que, nesse caso, lhe passara despercebida a gradual e inevitável transformação de Máxima? Por que, na sua inconsciência, a julgara subtraída às leis da Natureza, inexoráveis como uma fatalidade? Céus, onde um amor de mãe podia arrastar!

Nesse instante revelador, mil factos pretéritos lhe acudiram à memória. Incidentes mínimos a que, então, não ligara importância. Mas que, inesperadamente, a assaltavam, ajudando-a a ver claro. A ver mais claro. A sua Máxima... Coitada! Coitadinha! Como, afinal, tudo era simples! A meter-se pelos olhos dentro. Ela é que andava cega. E' que teimava em vê-la ainda de bafeiro. O que ela devia ter sofrido... Coitadinha!

Chela de ternura ergueu os olhos, encarou-a. E foi como se a visse pela primeira vez. A sua menina! Aquela era a sua menina!... Pôs-se a observá-la. E, vendo-a tódia trémula e ansiosa, as pupilas irresistivelmente atraídas para os olhos, lembrou-se que as lágrimas dela datavam, precisamente, da época em que o irmão do Lauro viera, com a esposa, passar aqueles meses com eles.

Ao erguer-se da mesa ia estonteada. Vivas que nem brasas

as recordações continuavam a acudir-lhe, em feixes, atropelando-se. E sua alma, todo o seu ser, como uma esponja embebida em água, parecia imergir num mar vasto e profundo. Não pensava mais. Não queria pensar mais. De resto, para quê? Se tudo se mostrava da transparência do vidro!

Sentara-se numa cadeira, junto da janela, no seu quarto. O sol brilhava num céu macio e doce. Sobre o rio, asas bambas, algumas galvotas volteavam. E ela, olhando sem ver as galvotas, o céu e sol, pensava: «E agora? E agora?» Sentia a cabeça pesada e uma dor lancinante lá dentro, no peito. Às vezes julgava asfixiar. As fontes latejavam-lhe. A sua menina... Vingem, que ia ser da sua menina!

O relógio bateu três horas. Depois quatro, cinco. E a mesma ideia, obstinada e fixa, a bailar-lhe no pensamento. A crescer. A absorvê-la. De repente, uma dúvida: não teria sonhado? O cérebro parecia querer fugir-lhe. Apertou as têmporas. E se endoidecesse?

Já de pé, quis reentrar em si. Serenar. Mas pensamentos e sensações eram tela emmaranhada. A emmaranhar-se cada vez mais. Caiu de-novo sobre a cadeira. A tombar para o ocaso, mas ainda escaldante, o sol dava-lhe de chapa, no rosto. Ela, contudo, não o sentia. Não sentia nada. A sensação de que ia mergulhando num mar sem termo desfizera-se. Agora julgava-se suspensa e inerte numa noite infinita, noite que estando em si ficava muito longe, para lá de todo o cálculo.

E foi ali, diante da janela, pálpabras descidas e tronco flectido para a frente, como se o sono a houvesse assaltado, que a filha a veio encontrar.

—Mãe...

Vagarosamente, ela erguera a cabeça.

—E's tu? Ah!...

Ficou-se a olhá-la. A olhá-la muito. Com a certeza de que lhe queria dizer alguma coisa mas sem saber, ao certo, o que pudesse ser.

—E's tu? Ah!...

—Que pálida estás, mãe!

—Dói-me a cabeça, sabes?

Levara a mão à fronte.

—Já ao almoço...

Suspendeu-se. A névoa dissipava-se. Ao almoço... Quando descobrira...

—Minha filha...

Puxou-a para si. As lágrimas rebentavam-lhe.

—...O que deves ter sofrido!

Uma grande paz bolava na tarde a morrer. A casa, em silêncio, lembrava uma tumba.

—Sofrido? Que ideia!

Sem uma objecção, ela descera a vidraça. Depois, abraçando-a pela cinta, levou-a para o fundo da peça, onde o leito sobressaía com a sua colcha branca.

—Sofres. Tu sei que sofres.

—Não, mãe. Não.

Por largo espaço, debateu-se.

—Não! Não!

Mas a noite foi descendo, seus dedos premendo-se e, quando o aposento, não era mais que montão de sombras, confessou, enfim. Era verdade, sofria. Horrivelmente. Pavorosamente. Não lhe perguntasse, porém, por quê.

—E' uma ansiedade atroz. Uma insatisfação em todo o meu ser, como se alguma coisa de essencial me faltasse. Os ouvidos zunem-me. Tódia eu tremo. E, porque me interrogo e não encontro que responder-me, choro.

Calou-se. Logo, baixinho a voz, seguiu:

—Há momentos em que nas minhas veias corre fogo.

Em que tódia eu ardo num braseiro imenso. Rebolo-me pelo sobrado. A gemer mordo os pulsos. Mas a dor mais me excita. Então cruzo os braços sobre o peito e, com forças que dir-se-ia virem doutrem, aperto, aperto até sufocar.

Falou ainda, rebuscando o que lhe ficava de suas crises. Não escondeu nada.

—E' só isto, mãe. Mas, isto, que é?

Desesperada e exausta deitou-se a todo o comprimento da cama, a soluçar.

—Se, ao menos, compreendesse...

A mãe fez-la soerguer. Acariciou-lhe os cabelos.

—Eu sei.

E, sem vergonha, acariciando-a sempre, industriou-a.

Máxima ouvia. Muda. Inteiraçada. No fim, aquele grito:

—Deixe-me. Agora deixe-me!

Num repente, com remorsos da humanidade que a levava aquilo, lembrou-se a mãe do corpo da pobre. Da sua corcova terrível, da sua face sem sangue, do seu pescoço... daquele esbôço de mulher defeituosa para que ninguém olharia sem um sorriso de comisseração, de troça ou pasmo.

—Filha! Minha filha!

O coração estalava-lhe. Quis beijá-la. Consolá-la. Mas que lhe poderia dizer? Que lhe poderia dar?

Pé ante pé desandou. E, já no corredor, encostada à porta, pôs-se a chorar de mansinho, longamente.